

UMA APRESENTAÇÃO PARA UM DOSSIÊ-MUTIRÃO-MALUNGO

A Presentation for a Collective Effort-Malungo-Dossier

Jorge Wolff¹

<https://orcid.org/0000-0001-7856-607X> 

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppglitufsc@gmail.com

Resumo: Este dossiê apresenta um debate sobre “outros modos da margem na literatura e na cultura brasileiras” a partir dos conceitos de “malungagem”, proposto por Jerome Branche, e de “brutalismo”, desenvolvido por Achille Mbembe. No ensaio “Malungagem: para uma poética da diáspora africana”, Jerome Branche expande a noção de *malungo* (termo de origem banto) sob a forma de um conceito que, desde sua etimologia, será pensado “como uma espécie de princípio básico para o imaginário discursivo da diáspora”. Em seus “registros e variações translocais” e em suas dimensões políticas, o conceito inclui “ideias de intersubjetividade, reconhecimento mútuo e solidariedade subalterna” (Branche, 2024). Oriundo da diáspora africana e da experiência da escravidão nas Américas, o termo “malungo” se disseminou de diversas formas no país, tornando-se corrente no campo da literatura e da cultura brasileiras desde o *Mafuá do malungo* (1948) de Manuel Bandeira, até os *Malungos na escola. Questões sobre culturas afrodescendentes e educação* (2007) de Edimilson de Almeida Pereira. Quanto ao conceito de “brutalismo”, Achille Mbembe apropria-se dele na arquitetura e nas artes plásticas para pensá-lo enquanto extensões de sua reflexão sobre a “necropolítica” e a “razão negra”. Desta proposição, surgem sete textos com abordagens diversas do outro-mesmo: seis pós-graduandos e uma professora da UFRJ tratam da malungagem e do brutalismo a partir da literatura brasileira com ênfase na produção de escritoras mulheres racializadas e nas questões raciais.

Palavras-chave: literatura/cultura brasileira; malungagem; brutalismo; mutirão; margem.

Abstract: This dossier presents a discussion about “other modes of the margin in Brazilian Literature and Culture” based on the concepts of *malungaje*, proposed by Jerome Branche, and *brutalism*, developed by Achille Mbembe. In the essay “Malungaje: towards a poetics of African Diaspora”, Branche expands the notion of *malungo* (a term of Bantu origin) into a concept that, from its etymology, will be thought of “as a kind of basic principle for the discursive imaginary of the diaspora”. In its “translocal registers and variations” and in its political dimensions, the concept includes “ideas of intersubjectivity, mutual recognition, and subaltern solidarity” (Branche, 2024). Originating from the African diaspora and the experience of slavery in the Americas, the term *malungo* spread in various forms throughout the country, becoming commonplace in Brazilian literature and culture from Manuel Bandeira’s *Mafuá do malungo* (1947) to Edimilson de Almeida Pereira *Malungos na escola. Questões sobre culturas afrodescendentes e educação* (2007). Regarding the concept of *brutalism*, Achille Mbembe appropriates it in architecture and the visual arts to consider it as an extension of his reflection on *necropolitics* and *black reason*. From this proposition emerge seven texts with diverse approaches to the other-same: six postgraduate students and one professor from UFRJ

address *malungaje* and *brutalism* from the perspective of Brazilian literature, with an emphasis on the production of racialized women writers and racial issues.

Keywords: Brazilian literature/culture; malungaje; brutalism; collective effort; margin.

A Pedro Brum Santos

Na estrada

O simpósio de que resulta o presente dossiê foi gestado na Ruta 2 que liga Ciudad del Este a Asunción no Paraguai, em conversa de 327 quilômetros com o companheiro de viagem Pedro Brum Santos, professor de literatura da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Ambos participamos, em novembro de 2024, de um encontro na Universidad Nacional de Asunción, no qual ele apresentou uma fala intitulada “Pedro Wayne y la huelga en *Charqueada*: una novela proletaria en la Pampa Sur”, enquanto me pareceu adequado introduzir “A malungagem em *Louças de família* de Eliane Marques” para um Núcleo Disciplinar da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM) formado por professores-pesquisadores de diversos países do Mercosul¹. Assim, acertamos, em movimento e com entusiasmo de viajantes, que proporíamos juntos um simpósio para o congresso amazônico da ABRALIC que se realizaria em junho de 2025. Por motivos de saúde, Pedro Brum não pôde participar do congresso e é a ele, portanto, que dedico este dossiê.

O movimento precisa do repouso, assim como o samba da síncopa: no segundo semestre de 2024, ministrei a disciplina que levou ao simpósio manauara, sob o título de “Nem campo nem cidade: autografias periféricas”. Baseada nos aportes crítico-teóricos de Jerome Branche, Luiz Antonio Simas, Achille Mbembe e Dénèm Touan Bona, assim como de Nora Catelli, Jacques Derrida e Silviano Santiago, na disciplina surgiram respostas e novas questões propostas, sobretudo pelas(os) alunas(os), envolvendo diferentes escrituras e diferentes margens. Aliás, foi na antologia *Modos da margem. Figurações da marginalidade na literatura brasileira* (2015), da editora carioca Aeroplano, (organizada por Alexandre Faria, João Camillo Pena e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, que me apoiou para subtítular o simpósio “A malungagem e o brutalismo” enquanto “novos modos da margem na literatura e na cultura brasileiras”. O simpósio foi realizado em duas sessões, sendo a primeira no dia 26 de junho de 2025, com uma introdução a propósito do contraste e da amarração entre malungagem e brutalismo, termos antitéticos que, ao mesmo tempo, se interconectam diretamente através dos séculos de violência e dança, guerra e arte, amor

¹ A *Ñemityrã* – *Revista Multilingüe de Lengua, Sociedad y Educación* – publicou nossos textos logo após as jornadas na Universidad Nacional de Asunción, acessíveis aqui: <https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/5455> [“Pedro Wayne e a greve na charqueada”]; <https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/5463> [“A malungagem em *Louças de família* de Eliane Marques”].



e ódio, liberalismos e fascismos que definem a colonial-modernidade. Após a introdução, entram na cena matutina do simpósio o benzedor sagrado-profano de Edimilson de Almeida Pereira na novela afroexistencialista *O ausente*; o *corp’a’escrever* de Llansol para ler o corpo-livro de Carolina *Quarto de despejo*; as *escritas sem chão* de Anajá Caetano, Maura Lopes Cançado e novamente Carolina; Amos Tutuola e Mário de Andrade buscando escapar do “negro manto da noite” hegeliano. Durante a sessão vespertina, o brutalismo é encarado através das narrativas periféricas de Lilia Guerra – São Paulo –, José Falero – Porto Alegre – e Geovani Martins – Rio de Janeiro –, enquanto que as *Louças de família* são desdobradas nas falas finais quando, ao se postular os novos modos de nomear do romance de estreia de Eliane Marques, buscou-se tomá-lo como espécie de cosmopoética de uma fronteira cultural e social, geográfica e política, a fim de vislumbrar saídas para a “luz que cega”, tomando as ideias de malungagem e de brutalismo como formas de pensar e agir em relação às lutas do tempo presente.

Voltando aos *Modos da margem*, além de reunir vários textos fundamentais para as encruzilhadas nem campo nem cidade (quer dizer, marginais, periféricas) dos séculos XX e XXI, o volume começa com um texto de Silviano Santiago de cujo título, ou melhor, de cuja ideia também nos apropriamos, já que a “crítica de mutirão” ali definida não deixa de ser o que se busca fazer neste dossiê – imaginado desde o simpósio como um “nós” – ao reunir vozes-textos que remetem umas às outras, de forma circular, ainda que emitidas desde distintas abordagens e distintos sujeitos-objetos, por pesquisadoras(es) de quatro instituições universitárias públicas do país². Escreve Silviano Santiago na apresentação a *Modos da margem*: “Se o escritor Benito Martinez Rodrigues fala de uma ‘literatura de mutirão’, referindo-se à coletividade que escreve *Capão Pecado*, de Ferréz, não seria o caso de falar da comunidade acadêmica aqui reunida, de falar dos ‘aliados da área’, que eles se manifestam por uma ‘crítica de mutirão’?” (Santiago, 2015, p. 13). Essa é uma sugestão produtiva e promissora que se manteve em nosso radar e que se relacionou umbilicalmente com a prática aberta, colaborativa e coletiva na interlocução e no movimento das falas em direção aos textos aqui apresentados³.

De onde vem a malungagem – e o brutalismo

Desse modo, este dossiê apresenta sete textos reescritos a partir das falas no evento realizado na Universidade Federal de Amazonas, que se localiza dentro de uma grande reserva ecológica nos arredores de Manaus. Como mencionado, o disparador do debate foram os “outros modos da margem na literatura e na cultura brasileiras” a partir dos conceitos de “malungagem”, proposto por Jerome Branche, e de “brutalismo”, desenvolvido por Achille Mbembe. No ensaio “Malungagem: para uma poética da diáspora africana”

² Que finalmente foram, no caso de nosso simpósio (e é tão atrativo quanto oneroso para nós chegar a Manaus), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade de São Paulo.

³ Publicados na ordem alfabética dos primeiros nomes das(os) participantes do dossiê.



(2009, versão castelhana; 2015, inglesa; 2024, brasileira), Jerome Branche expande a noção de *malungo* (que é um termo de origem banto) sob a forma de um conceito que, desde sua etimologia, será pensado “como uma espécie de princípio básico para o imaginário discursivo da diáspora” (Branche, 2024, p. 326). Em seus “registros e variações translocais” e em suas dimensões políticas, o conceito inclui “ideias de intersubjetividade, reconhecimento mútuo e solidariedade subalterna” (p. 327). Oriundo da diáspora africana e da experiência da escravidão nas Américas, o termo “malungo” se disseminou de diversas formas no país, tornando-se corrente no campo da literatura e da cultura brasileiras desde o *Mafuá do malungo* (poesia) (1948) de Manuel Bandeira até os *Malungos na escola. Questões sobre culturas afrodescendentes e educação* (ensaio) (2007) de Edimilson de Almeida Pereira. Sendo este autor o objeto do primeiro texto, Bruno Barra da Silva e Rosângela Sarteschi abordam seu romance de estreia, *O ausente* (2020), desde uma perspectiva “exu-existencialista” apropriada à obra deste poeta e pensador, que é um expoente da atual “estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira”, para usar os termos de seu influente ensaio *Entre Orfe(x)u e Exunouveau* (2022), ao debater e apontar para este fenômeno no país.

Quanto ao conceito de “brutalismo”, Achille Mbembe, por sua vez, apropria-se dele na arquitetura e nas artes plásticas para pensá-lo enquanto extensão de suas reflexões crítico-filosóficas sobre a “necropolítica” e a “razão negra”. Publicado originalmente em 2020, o ensaio *Brutalismo* busca definir os vários modos contemporâneos de “combustão do mundo” sob a forma da “dominação universal”, da “fraturação”, do “animismo”, do “virilismo”, dos “corpos-fronteiras”, das “circulações”, da “comunidade dos cativos”, até chegar a um vislumbre de uma “humanidade potencial e política do vivente”⁴. Tendo em mente a colonização da África, o ensaio de Mbembe nos estimula, no entanto, a pensar sobre outras geografias políticas e estéticas e sobre outros modos da margem, a exemplo do que ele exalta na plasticidade das manifestações artísticas e rituais originárias de África. No que diz respeito à literatura e à cultura brasileiras, e tendo o conceito de malungagem como amarração e contraste, este dossiê mira uma série de textos outramente marginais, para além dos aqui abordados, que vão desde os diários de Lima Barreto, os romances proletários de Patrícia Galvão (*Parque industrial*) e Pedro Wayne (*Xarqueada*), os diários e romances de Carolina Maria de Jesus, os romances e contos de Marilene Felinto, a discursividade manifestária dos Racionais MCs, os romances e contos de José Falero, os romances *Louças de família* de Eliane Marques e *Matei minha mãe* de Anderson Félix, entre outras tantas possibilidades de leitura crítica do mundo e do país nessa linha que gostaríamos de situar entre o brutalismo e a malungagem, e enquanto crítica de mutirão.

Cabe destacar que o problema racial e a herança da escravatura, enquanto marcas indelévels da formação do país, estão presentes de alguma forma em cada um dos títulos mencionados, assim como em cada um dos sete textos deste dossiê – marcas que, aliás, seguem definindo as relações de trabalho entre as classes sociais no Brasil

⁴ São estes, entre aspas, os títulos dos capítulos de *Brutalismo*, conforme seu sumário.

contemporâneo. No caso do conceito de malungagem de Branche, trata-se de experiências e modos de reconhecimento e de resistência de ordem transnacional ou extranacional resultantes da diáspora negra – ainda que tenhamos nos limitado, no simpósio e no dossiê, ao contexto brasileiro, com duas chamativas exceções: o conceito de “corp’a’escrever” da portuguesa Maria Gabriela Llansol, no texto dedicado à Carolina Maria de Jesus por Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos; e os romances do nigeriano Amos Tutuola conectados ao nosso Macunaíma por Matheus Reiser Muller.

A malungagem, segundo Jerome Branche, “enquanto contra-ideologia à aniquilação psíquica da travessia e à morte social da escravidão (cada encontro casual de malungos implica as incontáveis separações não documentadas forjadas pela chegada do navio negreiro), torna-se portanto uma afirmação da vida e um emblema de sobrevivência” (Branche, 2024, p. 330). A noção de brutalismo surge aqui, portanto, como contraface e suplemento da malungagem, sendo intrínseca à própria experiência da diáspora africana, e podendo ser lida também – seguindo a reflexão de Mbembe – como uma forma de *recriar a vida a partir do invivível*: “Para muitas regiões do Sul, na verdade, *recriar a vida a partir do invivível* tem sido a condição reinante ao longo dos séculos” (Mbembe, 2021, p. 26). Os trabalhos do pensador camaronês, segundo o mesmo ensaio,

não são outra coisa senão um longo argumento a favor de uma nova consciência planetária e da refundação de uma comunidade de seres humanos em solidariedade com todos os seres vivos. O pertencimento a um terreno comum, tangível, palpável e visível não ocorrerá, porém sem luta. Como pressentiu Frantz Fanon, a autêntica luta é em sua primazia uma questão de reparação, a começar pela reparação daquilo que se quebrou (Mbembe, 2021, p. 19).

Assim, entre aquilo que se quebrou e aquilo que resistiu e se transformou, o presente dossiê propõe articular ambos os conceitos através da leitura destes “outros modos da margem”, em suas diferentes contradiscursividades poéticas e literárias, prevendo nelas igualmente, como escreve Branche citando Paget Henry, “um potencial orientador da ação” (Branche, 2024, p. 321). No caso de nosso mutirão crítico, encarando as complexidades e tensões da ação feminista – como a “explosão feminista” escrutinada por Mariana Patrício Fernandes (UFRJ) em escritos de Anajá Caetano, Carolina Maria de Jesus e Maria Lopes Cançado – e da ação antirracista – como em Eliane Marques, Lilia Guerra, Geovani Martins, José Falero, Edimilson de Almeida Pereira, Amos Tutuola e inclusive Mário de Andrade, com o *trickster* multirracial pioneiro e controvertido chamado Macunaíma. Sem se resumir a elas, com projetos estéticos bastante distintos, seus encontros e desencontros se dão pela via do brutalismo capitalista e por sua contraface afroamericana e malunga.

Sete falas-textos

Com “Crer e não crer – eis a questão: religiosidade popular nO *ausente* de Edimilson de Almeida Pereira”, Bruna Barra da Silva e Rosângela Sarteschi (USP) abrem o dossiê destacando o debate e as fricções entre religiosidade e ateísmo na única ficção em prosa



publicada pelo autor, conhecido por seu ensaísmo e sua farta veia poética. O protagonista de *O ausente*, sendo um benzedor no interior das Minas Gerais, tramado em linguagem poética tributária dos sertões rosianos, é encarado sob as óticas diversas da antropologia afrobrasileira e da filosofia existencialista, em busca simultânea e contraditória do sagrado e do profano, da espiritualidade ancestral e da liberdade secular, buscando superar o binarismo e qualquer síntese dialética em sua leitura. Vale destacar que o artigo coloca, ao lado da ficção e do pensamento de Edimilson de Almeida Pereira, instigantes proposições da dramaturga e ensaísta Leda Maria Martins, com a finalidade principal de superar a “dicotomia simplificadora” entre oralidade e escritura.

Já em “Novos modos de nomear: as margens elusivas de *Louças de família*”, Dennis Radünz (UFSC) propõe uma reflexão sobre a linguagem do romance de estreia de Eliane Marques, marcado – escreve o autor – pela “espoliação das relações de trabalho em um ambiente marcado pelas ‘vidas-endividamento’ e por embates raciais de gênero e classe”. Sua linguagem transfronteiriça é estudada no artigo a partir da língua brasileira condimentada com elementos do espanhol e do iorubá, em contraste com experiências ficcionais em portunhol, lembrando as experiências de, por exemplo, Douglas Diegues ou Lucio Carvalho. Também são reivindicados contrastiva e comparativamente no artigo os diários de Carolina Maria de Jesus, incluindo paralelamente uma reflexão sobre as formas linguísticas da fronteira uruguaio-brasileira que aponta para os campos da dialetologia e da etnografia, assim como para uma leitura potencial do romance “com o excuro ao Sistema Elu/linguagem inclusiva e à Lalíngua (lalangue)” – o que a faceta da psicanálise *freudo-laciana* e *amefricana* em Eliane Marques não apenas sugere como estimula.

Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos (UFSC), por sua vez, em “Nas margens da língua de um corp’a’escrever: uma leitura de *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus”, traz uma contribuição original para sua abordagem do famoso diário de Carolina com o produtivo conceito cunhado pela escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008): o de *corp’a’escrever*, que não poderia ser mais apropriado para a saga das escrituras-em-movimento de Carolina, cuja “escrita poético-política registra a fome, a precariedade e a violência social”, nos termos da autora, que diz: “Ao narrar em primeira pessoa, Carolina produz um testemunho coletivo que desloca o olhar do centro literário para as margens, afirmando a legitimidade da voz periférica”. Essa voz é o *corp’a’escrever* de Llansol, “no qual a experiência vivida e o corpo se inscrevem na escrita, tornando-a simultaneamente memória, ação e afirmação de existência”. A noção evaristiana de *escrevivência* e a reflexão mbembeana sobre a necropolítica, invocadas pela autora, apontam justamente para a reconstrução de memórias coletivas através do diário escrito por Carolina Maria de Jesus, cuja vida-obra, inteligente e criativa, segue desafiando hierarquias literárias e sociais.

No quarto texto do dossiê, Mariana Patrício Fernandes (UFRJ) apresenta suas “Escritas sem chão: erotismo e literatura de autoria feminina no Brasil entre 1955 e 1966”. O texto é parte de um projeto sobre mulheres escritoras que publicaram, ou tiveram



publicados, seus livros no período mencionado no título. São eles: *Os posseiros* de Maria Alice Barroso (1955), *Pedaços da fome* de Carolina Maria de Jesus (1963), *Negra Efigênia, a paixão do senhor branco* de Anajá Caetano (1965), *Hospício é deus: diário I* de Maura Lopes Cançado (1966), *A maçã no escuro* de Clarice Lispector (1961), *Tara* de Cassandra Rios (1961) e *A falência das elites* de Adelaide Carraro (1963), com destaque neste artigo para os livros de Caetano, Carolina e Cançado. Diante deles, a autora coloca uma série de questões ao desenvolver sua reflexão crítica – que invoca tanto o famoso ensaio “Cultura e política: 1964-1969” de Roberto Schwarz, quanto a *Explosão feminista* (2015) segundo Heloísa Teixeira –, a saber: “Vivendo em um país ainda marcado pelo latifúndio, pela segregação e pela violência, o que é que não conseguimos imaginar? Quais são as histórias que ainda não sabemos contar? Como a literatura, escrita por mulheres, enfrentou historicamente esses pontos cegos da imaginação reinventando modos de escrita e maneiras de tocar no real, nomeando aquilo para o qual por vezes é difícil encontrar as palavras?”.

O quinto texto propõe outras e novas interrogações, na medida em que postula uma relação inesperada entre um escritor brasileiro e outro nigeriano, em que Macunaíma é um “bebedor de vinho de palma” (para jogar com o título do romance mais famoso do escritor nigeriano). De modo que, em “Escapar do ‘negro manto da noite’: Amos Tutuola e Mário de Andrade”, Matheus Reiser Muller (UFSC) invoca os dois célebres escritores para combater a velha – e no entanto atual – “construção hegeliana do sujeito universal e sua exclusão dos povos colonizados”, isto é, seu estatuto de seres “não-vivos”, habitantes daquilo que Frantz Fanon chamaria de “zona do não ser”. Segundo o autor, Andrade e Tutuola “respondem a esse apagamento através de narrativas que desestabilizam a lógica racionalista ocidental, privilegiando desrazão, metamorfose e espectralidade”. Nesses estados e estatutos *out of joint*, “a jornada heroica é subvertida: não há reconciliação nem triunfo, mas estados liminares entre vida e morte que expõem a violência colonial”. Em sua leitura, essas narrativas, com seus regimes ontológicos alternativos, são aproximadas da hantologia derridiana, na medida em que “reivindicam a presença ética dos espectros – vítimas do colonialismo e da escravidão – como condição para qualquer noção de justiça”.

No sexto texto, “O porão e as insurreições em *Louças de família*: para sair da luz que cega (e aproximar da escuridão que nutre)”, Sérgio Leite Barboza (UFSC) volta o foco para o romance de Eliane Marques. O autor analisa “as articulações entre insurreição, porão e escuridão na história afrodiáspórica” figuradas nesse romance, antirromance ou *novela bandida* (Silviano Santiago), sustentando que “a obra reinscreve, por meio da ficção, tensões estruturais da colonialidade e memórias de violência e sobrevivência que atravessam o Atlântico Negro”. Para tanto, recorre à noção de brutalismo de Mbembe “como chave interpretativa dos dispositivos de opressão e dos gestos insurgentes que emergem no texto”, e a teóricos diversos, desde Denise Ferreira da Silva, Castiel Vitorino Brasileiro, Jerome Branche, Dénètem Touam Bona e Fred Moten até Giorgio Agamben, observando de modo sagaz “o porão como espaço político e a escuridão como potência da

imaginação”.

No sétimo texto do dossiê, intitulado “No tempo do brutalismo: forma e violência nos romances de José Falero, Lilia Guerra e Geovani Martins”, Thiago M. Rodrigues (UFRGS) discute e caracteriza “as figurações da violência” em, respectivamente, *Os supridores*, *O céu para os bastardos* e *Via Ápia*, com base na “categoria do ódio como princípio organizador da forma romanesca”. Isto porque, para o autor, o ódio, “mais do que um sentimento individual de narradores e personagens, constitui uma chave de leitura para a análise das obras, que expõe o agravamento do conflito racial brasileiro e questiona as possibilidades de conciliação e resolução pacífica deste quadro”. Do universo da brutalidade brasileira cotidiana, manifestando-se na realidade ora de maneira explícita, ora de maneira dissimulada e refigurada nas narrativas em questão, Thiago M. Rodrigues extrai um debate fundamental para o que propusemos, a partir dos conceitos de malungagem e de brutalismo, ao analisar três romances centrais para a literatura brasileira do século 21, investigando “os limites que a forma impõe ou extrapola, para dar vazão ao que os autores captam do processo social”.

Tentativa de mutirão malungo, este dossiê se propõe, portanto, a discutir e a disseminar tais desafios e interrogações de ordem, ao mesmo tempo, política, estética, cultural e social nesses tempos difíceis de extremismos fascistas e de ditaduras digitais multinacionais, em que práxis e teoria, ação e reflexão precisam andar juntas a fim de encontrarmos caminhos para lutar contra a lógica do colonialismo presente-futuro-pretérito, ou seja, para escapar, simultaneamente, do manto da noite e da luz que cega.

Referências

BRANCHE, Jerome. Malungagem: para uma poética da diáspora africana. Trad. de Sérgio Leite Barboza. **Landa**: Revista do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 319-343, 2024. edição revista e aumentada.

BRANCHE, Jerome. Malungaje. Hacia una poética de la diáspora africana. **Poligramas** (Universidad del Valle), Colombia, n. 31, p. 23-48, 2009.

BRANCHE, Jerome. **The Poetics and Politics of Diaspora**. Transatlantic musings. New York: Routledge, 2015.

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Modos da margem. Figurações da marginalidade na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2021.



MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOTAS DE AUTORIA

Jorge “Joca” Wolff (jocawolff@gmail.com, Porto Alegre, 1965) é tradutor e professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Autor de *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos* (Buenos Aires: Grumo, 2009; Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016) e de *daltontrevisan.com. Ensaios a partir da vida-obra de Dalton Trevisan* (Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2025), entre outras publicações.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

WOLFF, Jorge. Uma apresentação para um dossiê-mutirão-malungo: a malungagem e o brutalismo: outros modos da margem na literatura e na cultura brasileiras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-09, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 25/03/2026

Aprovado em: 05/06/2026

Publicado em: 06/10/2026

